

# ► Inclusão das alunas do Programa Mulheres Mil do *campus* Rio Paraíba do Sul nas redes sociais

Solange da Silva Figueiredo\*, Isabel Cristina da Silva Gonçalves\*\*

## Resumo

Este artigo é fruto de um projeto de extensão realizado no IFFluminense, *campus* Rio Paraíba do Sul/UPEA, em que se discute a inclusão, nos âmbitos social e digital, das alunas do Programa Nacional Mulheres Mil dos distritos de Barcelos e Açú, em São João da Barra/RJ. As atividades de inclusão digital foram realizadas por meio de e-mails e da Rede Social *Facebook* com o objetivo de divulgar seus trabalhos de geração de renda. O artigo apresenta um relato de experiência de algumas alunas das duas turmas abordadas.

Palavras-chave: Rede Social. Facebook. Inclusão Digital. Programa Nacional Mulheres Mil.

## Introdução

Este artigo tem como tema a *Inclusão das alunas do Programa Mulheres Mil do campus Rio Paraíba do Sul nas Redes Sociais*, elaborado a partir das experiências obtidas em um projeto de extensão, no qual se buscou fazer a inclusão social e digital das participantes do Programa Nacional Mulheres Mil de Barcelos e Açú, que são distritos de São João da Barra. O projeto de extensão veio como forma de possibilitar

\* Especialista em Educação Profissional na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Coordenadora do Projeto de Extensão Inclusão e divulgação das atividades de geração de renda do Programa Mulheres Mil nas redes sociais - IFFluminense – *campus* Rio Paraíba do Sul/UPEA. E-mail: solfigueiredo@iff.edu.br

\*\* Graduada em Pedagogia. Bolsista do Projeto de Extensão Inclusão e divulgação das atividades de geração de renda do Programa Mulheres Mil nas redes sociais - IFFluminense – *campus* Rio Paraíba do Sul /UPEA.

a divulgação de suas atividades de geração de renda, tendo em vista o impacto social que pode ser proporcionado pelas redes sociais.

Desde a sua inauguração em 22 de outubro de 2007, a Unidade de Pesquisa e Extensão Agroambiental (UPEA), atualmente *campus* Rio Paraíba do Sul do Instituto Federal Fluminense (IFFluminense), tem o objetivo de possibilitar o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Desde então, a UPEA está instalada em uma área de mais de 7.000 metros quadrados adquirida em 30 de maio de 1978 situada à margem direita e próximo à foz do Rio Paraíba do Sul, encontrando-se localizada no município de Campos dos Goytacazes, no Km 158 da BR 356, próxima a Barcelos, o 6º distrito do Município de São João da Barra, no norte do Estado do Rio de Janeiro, conforme imagem da Figura 1.



**Figura 1.** Foto panorâmica do *campus* Rio Paraíba do Sul – UPEA

Fonte: Welliton Pacheco Rangel

A atual estrutura do *campus* possibilita a organização de espaço para a utilização das mais diversas tecnologias, de forma a estabelecer práticas interdisciplinares tanto no processo de criação de materiais e conteúdos como no uso para o processo de ensino e aprendizagem.

Diante do panorama que as mudanças tecnológicas impuseram, torna-se evidente a necessidade do uso do computador e da internet numa perspectiva crítica, entendendo que o uso de recursos tecnológicos propicia uma verdadeira revolução no processo de inclusão do indivíduo. Surgem, assim, as redes sociais digitais, nas quais as pessoas podem trocar informações, compartilhar experiências, participar no aprendizado coletivo, fortalecer os laços entre seus membros e aumentar o poder de decisão do grupo (ROCHA, 2005, p. 3).

Por conta dessas transformações no ambiente social, caberia aos professores discutir a qualidade da participação de seus alunos e, ainda, de como essa participação poderia se transformar em experiências de cidadania e de inclusão social, uma vez que os educandos buscam na escola mais do que conteúdos prontos para serem reproduzidos. Como cidadãs trabalhadoras que são, essas alunas querem ser ativas, participativas e crescer cultural, social e economicamente.

Desse modo, vale lembrar que no livro *Pedagogia do Oprimido*, o conceito de “Educação Libertadora” foi definido por Paulo Freire (1987, p. 29) que “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. Essa noção é de fundamental importância para a construção dessa cidadania, proporcionando reflexões acerca de metodologias educativas que viabilizem o aprendizado a partir da própria experiência de quem aprende. O autor afirma que:

A ação libertadora, pelo contrário, reconhecendo esta dependência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da ação, transformá-la em independência. Esta, porém, não é doação que uma liderança, por mais bem intencionada que seja, lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”. Por isto, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho, também não é libertação de uns, feita por outros (FREIRE, 1987, p. 30).

Os princípios da Educação Libertadora ressaltam a necessidade de o educador levar em conta a realidade objetiva do aluno e dela fazer o seu ponto de partida para a construção dos conteúdos (FREIRE, 1987, p. 31).

Essa perspectiva surge em contrapartida ao que Freire chamava de “Educação Bancária”, ou seja, um estado passivo do aluno que se mantém nos “bancos escolares” à mercê da transmissão de conhecimento do professor, sendo apenas um mero depositário do saber, com poucas oportunidades de transformá-lo em seu, de apropriar-se das informações transmitidas a ponto de aprendê-las de fato (FREIRE, 1987, p. 34).

O professor ensina e o aluno aprende. Entretanto, a recíproca também é verdadeira. E apoiado nesse ideal da didascia, Freire (1996, p. 141) propõe que, ensinar exige, dentre outras coisas, respeito aos saberes dos educandos. Portanto, sabe-se que os alunos já chegam à escola com seus saberes, sua cultura; dessa forma, esses saberes devem ser levados em conta e ser respeitados.

Freire mantém a convicção de que ensinar não é transferir conhecimento. Portanto, ensinar exige, dentre outras coisas, respeito à autonomia do educando, convicção de que a mudança é possível e, ainda, alegria e esperança.

Em sua obra *Pedagogia da autonomia*, Freire alerta:

E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa; de outro, a alegria necessária ao que-fazer docente. É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem o qual a prática educativa perde o sentido (FREIRE, 1996, p. 141).

Isto significa que a prática pedagógica na educação deve ter como preocupação produzir mudanças qualitativas e, para isso, procurar munir-se de um conhecimento crítico e aprofundado da realidade.

Assim, foi de suma importância que, durante todo o desenvolvimento do projeto houvesse uma articulação das pesquisadoras com o grupo do Programa Mulheres Mil para realizar sua inclusão nas redes sociais, com a finalidade de fortalecer e estimular a produção e venda de seus trabalhos. Esse objetivo foi traçado face às exigências do mundo do trabalho e renda que demandam acesso à informação e domínio de tecnologias digitais por todas as camadas da sociedade. Desse modo, verificou-se a necessidade de criar oportunidades que possibilitem a inserção das alunas do Programa Mulheres Mil nesse novo cenário das redes sociais.

## As Redes Sociais na Internet

Segundo Castells, grandes volumes de informações são transmitidos, transferidos de lugares distantes em poucos minutos, transformando o planeta numa imensa teia global – o *ciberespaço*, onde “as redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldados por ela” (CASTELLS, 2000, p. 22).

Sobre esse assunto, Pierre Lévy (1999, p. 157) acredita que, em breve, o *ciberespaço* constituirá o principal equipamento coletivo internacional da memória, do pensamento e da comunicação.

Lévy ainda faz uma análise dessa nova relação do trabalho com o saber. Em virtude da velocidade do surgimento e da renovação do saber, o autor constata a rápida obsolescência das competências, ao afirmar que “pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira” (LÉVY, 1999, p. 157). Em sua reflexão sobre a nova natureza do trabalho, constata que a mesma não pára de crescer.

Em sua terceira constatação, conclui que:

[...] o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (bancos de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos). Essas novas tecnologias intelectuais favorecem: novas formas de acesso à informação [...], novos estilos de raciocínio e de conhecimento [...] (LÉVY, 1999, p. 157).

Dessa forma, para o autor, a Internet constitui recurso fundamental para o desenvolvimento pessoal, o estreitamento de laços sociais e a aprendizagem, proporcionando mais liberdade de expressão do que era possível na época em que havia apenas os jornais, o rádio

e a televisão.

Sobre a formação de redes, Rocha (2005, p. 1) alerta que o ser humano tem se organizado em pequenos e grandes grupos, durante toda a história da humanidade, como forma de criar um ambiente afetivo, de cooperação, de geração de tecnologia e conhecimento, formando redes.

Desse modo, ele define que:

A palavra rede (originária da latina rete), em língua portuguesa, remete à noção de junção de nós – individuais ou coletivos – que, interligados entre si, permitem a união, a comutação, a troca, a transformação. Estar em rede – social, cultural, econômica, política – é (ou sempre foi) uma das condições de possibilidade de nossa convivência neste mundo, dada a necessidade (ou a obrigatoriedade) da contínua constituição de grupos comuns (ou comunidades) em limitados espaços e simultâneos tempos (ROCHA, 2005, p. 1).

O ser humano, enquanto ser social, sempre conviveu em um ambiente de comunicação e colaboração, utilizando as tecnologias disponíveis em cada fase da história. Depois, com os avanços dos recursos tecnológicos, os relacionamentos passam a ocorrer, também, através da internet, mais recentemente, as Redes Sociais Digitais, “ambiente em que as pessoas podem trocar informações, compartilhar experiências, colaborar com projetos, participar no aprendizado coletivo, fortalecer os laços entre seus membros e aumentar o poder de decisão do grupo” (ROCHA, 2005, p. 1).

Sobre a Rede Social, o autor Rafael Kiso a define como:

[...] uma estrutura social constituída por nós (no qual geralmente são pessoas, organizações e até conceitos) que são vinculadas por um ou mais tipos específicos de relações, como valores, visões, ideias, amigos, gostos, tipo sexual, entre outras características que agrupam os indivíduos por afinidades. As redes sociais encaram os relacionamentos sociais em termos de nós e laços. Os nós são os indivíduos de dentro das redes, e os laços são os relacionamentos entre os indivíduos. Pode haver vários tipos de laços entre os nós (KISO, s.d., p. 31)

Desse modo, o autor afirma, ainda, que as redes sociais digitais são ambientes dinâmicos, com participação na produção e veiculação de informação, de incentivo à participação e, assim como em ambientes não virtuais, tais redes também podem ter momentos de conflitos e lutas de interesse (ROCHA, 2005, p. 3)

E, ainda, as redes são sistemas abertos e em construção permanente, possuindo como característica principal a grande capacidade de transmissão de informação. Estar em rede significa ser capaz de fazer uso da capacidade de ser sujeito (ativo e responsável), sugerir mudanças, administrar complexidades e incentivar a articulação, o fortalecimento e, se necessário, a (re)construção contínua das redes (ROCHA, 2005, p. 3).

## O Facebook como Rede Social

A rede social Facebook vem sendo considerada um fenômeno no mundo inteiro por sua visibilidade, tornando-se a rede mais acessada pelos usuários da Internet, com 1,23 bilhões de usuários em todo mundo, como mostra a figura seguinte:



Fonte: Organização das Nações Unidas, União Internacional de Telecomunicações e Facebook

**Figura 2.** Número de usuários do Facebook em 2014.

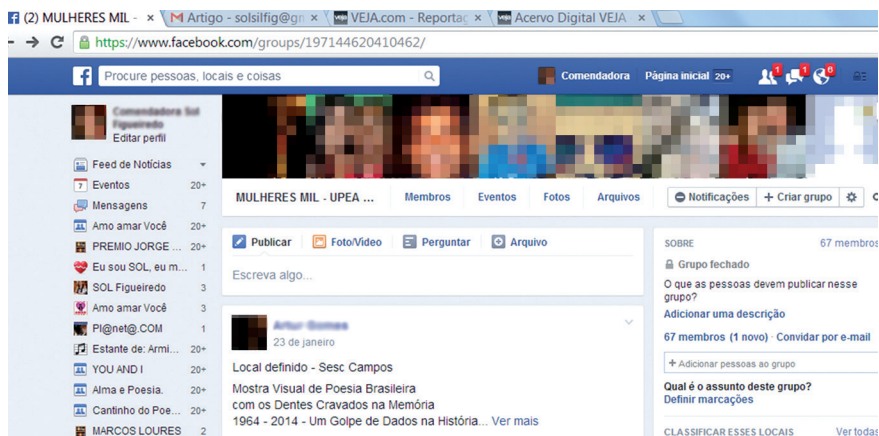
Fonte: Revista Veja – Editora Abril - Fevereiro de 2014<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Revista Veja – Editora Abril – Reportagem Especial: Facebook, 10 anos – Edição 2.359- Ano 47 – Nº 6, Veja.Com, página 8 – Fevereiro de 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/reportagens-especiais/10-anos-facebook/index.shtml>> Acesso em: 10 mar. 2014, 14:32:02.

A partir da proposta da plataforma de Facebook, inúmeras utilidades foram direcionadas à educação. Percebe-se uma visão bem ampliada dos autores dessa rede.

Sabe-se que uma rede social como o Facebook se apresenta como uma nova forma de se estabelecer relações interpessoais e sociais propriamente ditas, onde é possível realizar vários tipos de tarefas como: divulgar produtos, notícias, fatos, compartilhar arquivos (vídeos, textos, fotos, imagens), usar o *chat* (bate-papo) e seus aplicativos de jogos, editores de imagens, *fanpage* (página pessoal), *timeline* (linha do tempo), dentre outros.

Ao se utilizar essa ferramenta, além de cadastrar as mulheres na rede social, usou-se uma das funcionalidades do *Facebook* para criar um Grupo com o nome “Mulheres Mil – UPEA IFF” com o objetivo de possibilitar às alunas do Programa Mulheres Mil dialogarem e interagirem socialmente. Atualmente, o grupo possui 67 membros, sendo que 49 são alunas do Programa Mulheres Mil, conforme o *print screen* do Grupo no Facebook (Figura 3):



**Figura 3.** Grupo Mulheres Mil – UPEA IFF no Facebook

Fonte: print screen da página do Grupo Mulheres Mil em Março de 2014<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Página do Grupo Mulheres Mil – UPEA IFF no Facebook: Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/197144620410462/>> Acesso em: 24 fev. 2014, 15:24:43.



Sobre isso Freire (1996, p. 96) comenta que:

Constitui-se em um ato coletivo, solidário, uma troca de experiências, em que cada envolvido discute suas ideias e concepções. A dialogicidade constitui-se no princípio fundamental da relação entre educador e educando. O que importa é que os professores e os alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1996, p. 96).

Para melhor compreensão do perfil das alunas do Programa Mulheres Mil, na próxima seção faz-se uma descrição do mesmo.

## O Programa Nacional Mulheres Mil

O Programa Nacional Mulheres Mil surgiu primeiramente no Canadá, tendo sido um sucesso e, a partir daí, deu-se um sistema de cooperação entre os governos brasileiro e canadense para que fosse implantado no Brasil, pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC/MEC) (MEC, 2010, p. 3).

No Brasil, esse programa iniciou com cerca de mil mulheres desfavorecidas das regiões Nordeste e Norte, em 2007. Sua meta era garantir o acesso à educação profissional e à elevação da escolaridade, de acordo com as necessidades educacionais de cada comunidade e a vocação econômica das regiões, para ser efetivado até 2010 (MEC, 2010, p. 4).

Como programa do governo federal, ele é ofertado como um conjunto de prioridades das políticas públicas do Governo do Brasil, especialmente nos eixos promoção da equidade, igualdade entre sexos, combate à violência contra mulher e acesso à educação (MEC, 2010, p. 9).

O Mulheres Mil é estruturado em três eixos – educação, cidadania e desenvolvimento sustentável – possibilitando a inclusão social com uma formação focada na autonomia e na criação de alternativas para a inserção no mundo do trabalho, a fim de que mulheres em vulnerabilidade social consigam melhorar a qualidade

de suas vidas e de suas comunidades. (MEC, 2010, p. 1).

Este programa também contribui para o alcance das metas estabelecidas nos Objetivos do Milênio da ONU em 2000: erradicação da extrema pobreza e da fome, promoção da igualdade entre os sexos e autonomia das mulheres, garantindo-se, também, a sustentabilidade ambiental (ONU, 2000, p. 1).

Em 2009, a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC), visando à expansão do programa para outras regiões do país, resolveu transformá-lo em uma política pública a ser implementada em todos os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) do país, como forma de ampliar a oferta para as mulheres desfavorecidas em todo território nacional (MEC, 2010, p. 1).

No *campus* Rio Paraíba do Sul, Unidade de Pesquisa e Extensão Agroambiental (UPEA) do IFFluminense, o Programa Mulheres Mil iniciou em 2012, com a implantação da primeira turma com 30 mulheres da comunidade de Barcelos, 6.º distrito de São João da Barra, com a formação voltada para Auxiliar de Cozinha. Na grade de conteúdos desse curso, a Inclusão Digital teria uma carga horária de apenas 10 horas, o que só permitiria fornecer noções elementares de informática e digitação.

Diante deste quadro, identificou-se a necessidade de ampliar a inclusão digital das mesmas, tendo em vista que o objetivo não seria apenas digitar um texto. Sentiu-se a necessidade de que as mulheres tivessem acesso e soubessem navegar pela internet e pelas redes sociais. Do mesmo modo, é urgente uma maior inserção das mulheres do Programa Nacional Mulheres Mil às redes sociais como forma de gerar mais trabalho e renda para elas, a partir da divulgação e compartilhamento das informações sobre seus respectivos trabalhos. E, ainda, não há como negar a irreversibilidade da presença do computador no cotidiano dos mais diversos setores e da própria “popularização” e “democratização” da informação nos dias atuais.

Dessa forma, foi escolhida a Rede do Facebook como meio para divulgação de seus trabalhos, não só para a comunidade de

Barcelos, mas também para outras cidades ou mesmo para o mundo, já que nada impede que haja um comprador interessado nos produtos dessas mulheres em qualquer parte do mundo e venha solicitar uma encomenda via internet para essas alunas.

### ***A metodologia do Projeto de Extensão “Inclusão e divulgação das atividades de geração de renda às alunas do Programa Mulheres Mil das localidades de Barcelos e Açu nas Redes Sociais”***

No primeiro dia do Curso do Programa Mulheres Mil, em agosto de 2012, houve uma primeira atividade que é o Mapa da Vida. O Mapa da Vida é um relato de cada aluna que acontece em dois momentos: no primeiro dia de aula (inicial) e no último dia de aula do curso (final).

No Mapa da Vida Inicial, cada aluna faz um momento de reflexão sobre a sua história de vida antes de ingressar no Programa. Essa história de vida faz parte de seu Portfólio. O Portfólio é uma pasta que elas recebem no Dia da Formatura, com todos os momentos percorridos ao longo da sua vida, com fotos e registros de documentos (certidões de nascimento, casamento, certificados de conclusão de cursos, dentre outros).

Segundo a psicóloga do Programa na UPEA, Quênia Alleluia, “esse Mapa da Vida é para que cada aluna tenha um senso de realização, ou seja, possa separar a história da família, da sua história de vida pessoal”.

Sobre pesquisar a História de Vida, Pedro Demo reflete que “esta técnica pode ser muito ilustrativa, ao dar voz a quem em geral não tem” (DEMO, 2009, p. 8).

Além das aulas teóricas e práticas sobre o Curso de Auxiliar de Cozinha, as alunas também têm na grade do curso, aulas de Inclusão Digital, com 10 horas no total.

Entretanto, foi avaliado pela equipe de implantação do programa na UPEA que a carga horária não era suficiente, portanto, ficou resolvido que seria necessária a ampliação da carga horária das aulas de Inclusão

Digital. Para tal foi elaborado e encaminhado um Projeto de Extensão “Inclusão e divulgação das atividades de geração de renda das alunas do Programa Mulheres Mil das localidades de Barcelos e Açú por meio das Redes Sociais” em edital de extensão. O projeto, depois de aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, foi implementado a partir de outubro de 2012, com a colaboração de três bolsistas de extensão, além da coordenadora do projeto.

Conforme o cronograma do projeto de extensão, foi feito um planejamento das atividades e, logo em seguida, deu-se início as ações do mesmo, atendendo inicialmente as alunas de Barcelos, Distrito de São João da Barra.

Foi ofertada para as alunas uma palestra sobre “*O que é uma Rede Social e o impacto das Redes Sociais na vida cotidiana*”. O próximo passo foi o de verificar quem não possuía e-mail para que se pudesse criar uma conta para cada aluna.

Logo após, cada aluna enviou e recebeu e-mails das demais colegas do curso, encaminhando-os, inclusive, com arquivos em anexo. Em outro momento, foi criado um grupo de e-mails da turma para que se pudessem fazer as trocas de e-mails entre elas com maior agilidade.



**Figura 4.** Inclusão Digital das Mulheres Mil

Fonte: Aula de Inclusão Digital da turma das Mulheres Mil – UPEA.

O passo seguinte foi a implantação e a implementação do Programa Nacional Mulheres Mil na rede social Rede de Saberes Coletivos (ReSa). Um grupo de 30 mulheres foi inserido nesta rede social com o objetivo de apresentar o projeto e as ações propostas, como forma de diálogo com os atores sociais envolvidos. Contudo, a autorização para o uso da ReSa demorou muito, já que o curso tem um prazo curto.

Em outro momento, cada aluna criou um perfil na Rede Social *Facebook* e o seu mural, fazendo a inserção dos dados da atividade de geração de renda por ela desenvolvida. E, ainda, foi feita uma página para o Grupo das Mulheres Mil – UPEA IFF para que pudessem trocar informações e estabelecer um diálogo entre elas e demais comunidades virtuais.

O Mapa da Vida Final é sempre realizado na última semana do curso, para que as alunas possam refletir depois da experiência realizada, de como foi voltar a estudar, de como é importante a vida acadêmica e até mesmo de como foi superar as suas limitações. E, ainda, avaliar o que de fato aprenderam e quais são as perspectivas para o futuro.

Já se formaram três turmas desde então (uma no 2º semestre de 2012 e duas nos dois semestres de 2013), de forma que no último relatório do Mapa da Vida apresentado pela Psicóloga, ao término da terceira turma em dezembro de 2013, o relatório aponta a descrição das dificuldades em conhecer algo novo e a paciência dos professores ao ensinar. Tal fato se deve às dificuldades de acesso e/ou contato com as novas tecnologias. O que demonstra que a inclusão digital para elas foi algo representativo.

Percebeu-se, ainda, que foram reforçadas as relações interpessoais existentes entre as alunas do Programa Nacional Mulheres Mil da UPEA e que conflitos foram minimizados, já que a ação proporcionou uma maior amplitude de resposta aos anseios do grupo de mulheres, agora envolvidas com a comunidade global.

## Relatos de algumas alunas do Programa Nacional Mulheres Mil sobre a Inclusão Digital nas Redes Sociais

Dentre as turmas de alunas do Programa Nacional Mulheres Mil da UPEA, foi feita uma pesquisa, através de um questionário, sobre as aulas de Inclusão Digital e sobre a interação no Facebook. Abaixo, alguns dados dos resultados obtidos dentre 15 alunas que responderam à pesquisa são reproduzidos, de acordo com o tipo de questão:

a) **Sobre a localidade que mora em São João da Barra:** 40% de Barra do Açu e 60% moram em Barcelos – Distritos do Município de São João da Barra;

b) **Sobre se já havia usado computador antes do curso:** 30% afirmaram que sim e 70% nunca haviam usado;

c) **Sobre se já havia acessado a Internet antes do curso:** apenas uma aluna havia acessado a internet;

d) **Sobre se já tinha e-mail:** apenas uma aluna já possuía e-mail, que é a mesma do item acima;

e) **Sobre se já conhecia Facebook antes do curso:** apenas a mesma aluna dos itens acima;

f) **Sobre o que achou do contato com o computador, alguns relatos abaixo:**

Aluna 1: *“Achei ótimo instrumento de trabalho e quero escrever um livro a respeito da minha vida”*. – Esta aluna possui 78 anos de idade.

Aluna 2: *“Achei ótimo conhecer coisas novas nesta idade em que já não imaginava que iria mexer no computador, foi maravilhoso”*.

Aluna 4: *“Gostei, para aprender melhor, foi a primeira vez. No começo eu tive dificuldade, depois fui acostumando”*.

Aluna 3: *“Muito bom, tudo que eu aprendi é pra mim uma caixinha de surpresa. Tudo que eu aprendi é como se fosse um presente. Nessa caixinha vou guardando tudo lá dentro.”* – Esta aluna deu seu depoimento no I Encontro de Extensão do IFFluminense – no *campus* Cabo Frio, no momento da apresentação do Projeto de Extensão.

**g) Sobre o que achou do Facebook, alguns relatos abaixo:**

Aluna 1: *“Gosto de mandar recado para meus filhos, compartilhar coisas que leio e gosto”*.

Aluna 4: *“Gostei muito, adorei conhecer as colegas, as professoras, se diverte muito”*.

Aluna 5: *“Foi bom, achei interessante, o que a gente faz aqui, as pessoas ficam sabendo o que se passou, de outras coisas boas também”*.

Aluna 7: *“É um meio de comunicação muito rápido. No Facebook, podemos nos comunicarmos e saber dos acontecimentos no exato momento, da distância de onde estivermos”*.

Aluna 10: *“É uma boa coisa, desenvolve muito a mente da pessoa”*.

**h) Sobre o que a aula de Inclusão Digital representou na sua vida, alguns relatos abaixo:**

Aluna 2: *“Foi muito bom, pois agora sei mexer, para ter comunicação com as coisas que se passam”*.

Aluna 3: *“Uma coisa nova, se tivesse que escolher, eu gostaria de ir em frente, aprender mais”*.

Aluna 4: *“...Eu nem sabia escrever meu nome, agora já sei escrever alguma coisa. Aprender mais pra ter contato com meus filhos, usar um Banco”*.

Aluna 5: *“Clareou bastante a minha mente, gostaria que tivesse a continuidade para entrar em contato com as pessoas, conhecer um pouco mais o que acontece lá fora”*.

Aluna 9: *“Foi ótimo, pois muitas coisas que não sabia, eu pude aprender”*.

Diante desses relatos, pode-se perceber o quanto as aulas de

Inclusão Digital fizeram diferença nas suas vidas e, mais ainda com o uso do Facebook, pois elas puderam se comunicar com o mundo lá fora, além do espaço de convivência que elas tinham, que era a localidade em que moram em São João da Barra.

A aluna 3, ao dar o seu depoimento na apresentação no dia do I Encontro de Extensão do IFFluminense no *campus* Cabo Frio, deixou claro o quanto é importante poder ter voz, poder expressar o que sente, conforme relato feito no dia da pesquisa, que é reproduzido a seguir: “*Diante daquele auditório me senti valorizada, acolhida por estar dando depoimento. Vou levar comigo eternamente.*” – Aluna 3.

Desta forma, faz-se uma analogia com as ideias que o autor indica abaixo:

Também pesquisas ditas qualitativas lidam com dados, ainda que em outra dimensão, mas voltados para a “intensidade” dos fenômenos, mais do que para sua extensão. Não pode haver dicotomia entre pesquisa qualitativa e quantitativa, pois ambas são imprescindíveis e correspondem a nada mais que dimensões próprias da realidade (DEMO, 2009, p. 1).

## Considerações e Perspectivas

Desta forma, a prática pedagógica, nesse contexto, caracteriza-se como fonte de renovação, transformação e mudanças, e pela busca e implementação de “novos valores”, que venham dar uma nova direção, um novo sentido, um novo rumo à prática social.

Além disso, não se pode deixar de lado o aspecto cultural, ou seja, existe um processo de discriminação e não aceitação do diferente, que acontece via preceitos culturais. Cada grupo - alunos e professores - apresenta identidades culturais diversas, nas quais se cultivam valores e práticas determinadas, que constituem uma espécie de subjetividade plural, a qual é interiorizada pelo indivíduo.

A democratização da escola implica na democratização dos conteúdos e do ensino. Paulo Freire (1992, p. 113-114) em sua luta pela



democratização da sociedade, alerta que não há como ficar esperando que esta ocorra primeiro na sociedade brasileira para que só então se comece sua prática na escola, deixando claro que a democracia é fundamento para a igualdade na educação.

De modo que a escola precisa ser um cenário em que alunos e professores, juntos, vão construindo uma história que se modifica, se amplia, se transforma e que interfere não só na pessoa, mas também na comunidade na qual se insere e, até mesmo, na sociedade em uma perspectiva mais ampla.

Assim, ao lado de “aprender a conhecer”, espera-se que a educação torne possível outras aprendizagens, como “aprender a fazer”, “aprender a conviver” e “aprender a ser”, que são os quatro pilares da Educação, conceitos que fundamentam a educação baseados no Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.

Em face do que foi exposto dessas alunas, essa sociedade cobrará não somente um diploma ou o mero domínio dos equipamentos modernos e de algumas tecnologias, mas a excelência do seu conhecimento. Exige-se das mesmas não só o domínio da leitura e da escrita, mas também de competências que vão além de suas experiências vividas.

Desta forma, neste cenário, a escola deverá ser um ponto de referência da comunidade, um núcleo deflagrador de aprendizado e educação, que expande seus limites para além de seus muros, intercambiando saberes e vivências com quem a cerca.

Conforme foi explanado na apresentação no I Encontro de Extensão do IFFluminense, este projeto teve algumas dificuldades quanto ao pouco tempo com cada turma, já que o calendário escolar foi curto devido aos diversos feriados.

Sobre a realimentação constante das páginas na Rede Social Facebook, a cada novo produto gerado, dependerá de cada aluna dar continuidade. Em trabalhos futuros, pretende-se pesquisar quantas alunas permaneceram alimentando os seus perfis com suas atividades de geração de renda.

## Referências

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DEMO, Pedro. *Educação hoje – “Novas” tecnologias, pressões e oportunidades*. São Paulo: Atlas, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17. ed.1987

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KISO, Rafael. *Guia de conhecimento para uma estratégia Web 2.0 de sucesso*, s/dDisponível em: <<http://www.scribd.com/doc/14537501/Guia-Completo-para-umaestrategia-WEB-20-de-sucesso>>. Acesso em: 10 mar. 2013, 10:45:23.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1999.

MEC, SETEC. *Programa Nacional Mulheres Mil*. 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12299&Itemid=603](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12299&Itemid=603)>. Acesso em: 10 mar 2013, 14:33:43.

ONU. *O Voluntariado e os Objetivos do Milênio da ONU*, 2000. Disponível em: <<http://www.objetivosdomilenio.org.br/>> Acesso em: 15 mar. 2013, 14:14:23.

ROCHA, Cristianne, Maria Farner. *As redes em saúde: entre limites e possibilidades*, 2005. Disponível em: <[http://www.opas.org.br/rh/admin/documentos/Estar\\_em\\_rede.pdf](http://www.opas.org.br/rh/admin/documentos/Estar_em_rede.pdf)>. Acesso em: 27 mar. 2013, 15:35:23.